

ENTRE A VERDADE E A MENTIRA: A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SEGUNDO NIETZSCHE*

BETWEEN TRUTH AND LIES: THE CONSTRUCTION OF REALITY ACCORDING TO NIETZSCHE

Wesley Afonso da Silva Ferreira**

RESUMO

Nietzsche, em *Sobre verdade e mentira em sentido extramoral*, questiona a verdade objetiva, vendo-a como uma construção humana utilitária para a sobrevivência e coesão social. O intelecto cria ficções úteis, e a linguagem, sendo um sistema de metáforas esquecidas, simplifica a realidade em conceitos. A verdade emerge de convenções sociais moldadas pelo poder, priorizando a segurança. Nietzsche contrasta o homem racional (regras) com o homem intuitivo (caos e criatividade). Sousa (2022) afirma que Nietzsche não nega a necessidade da verdade, mas denuncia seu caráter ilusório e utilitário.

PALAVRAS-CHAVE: intelecto; sobrevivência; linguagem como metáfora; convenções sociais; poder.

RESUMEN

Nietzsche, en *Sobre verdad y mentira en sentido extramoral*, cuestiona la verdad objetiva, viéndola como una construcción humana utilitaria para la supervivencia y la cohesión social. El intelecto crea ficciones útiles y el lenguaje, siendo un sistema de metáforas olvidadas, simplifica la realidad en conceptos. La verdad emerge de convenciones sociales moldeadas por el poder, priorizando la seguridad. Nietzsche contrasta al hombre racional (reglas) con el hombre intuitivo (caos y creatividad). Sousa (2022) afirma: Nietzsche no niega la necesidad de la verdad, sino que denuncia su carácter ilusorio y utilitario.

PALABRAS CLAVE: intelecto; supervivencia; lenguaje como metáfora; convenciones sociales; poder.

INTRODUÇÃO

Nietzsche (1873), no ensaio *Sobre verdade e mentira em sentido extramoral*, desafia a noção tradicional de uma verdade objetiva e universal, propondo em seu lugar que a verdade é uma construção humana e, portanto, uma ilusão. O filósofo sustenta que o intelecto humano, longe de ser uma ferramenta para desvendar a realidade, está destinado principalmente a garantir a sobrevivência por meio de convenções e ficções úteis. Monteiro (2012, p. 37)

* Comunicação recebida em 20/11/2025 e aprovado para publicação em 10/12/2025.

** Discente do Curso de Teologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: Wesafonso.ro@gmail.com.

lembra que o intelecto “não nasce da vontade de conhecer, mas da necessidade de sobreviver”, ressaltando o caráter pragmático e ilusório da razão humana. Nesse sentido, a verdade é uma série de acordos sociais que os indivíduos aceitam para facilitar a comunicação e a convivência.

Essas ideias questionam profundamente o valor da verdade em nossa vida cotidiana e em nossas relações sociais, abrindo caminho para uma visão mais crítica e pragmática do conhecimento. Ao longo deste trabalho, exploram-se as principais ideias de Nietzsche sobre o intelecto, a linguagem, o papel da sociedade e a tensão entre o homem racional e o intuitivo. Essas reflexões não apenas questionam a possibilidade de alcançar uma verdade objetiva, mas também oferecem uma compreensão de como a realidade se constrói a partir de necessidades práticas e de relações de poder.

1 O INTELECTO COMO FERRAMENTA DE SOBREVIVÊNCIA

Para Nietzsche, o intelecto humano não é um meio de alcançar a verdade, mas uma ferramenta projetada para garantir a sobrevivência. Nessa perspectiva, o intelecto e sua capacidade de construir conhecimentos e conceitos surgem como uma estratégia de adaptação, e não como um meio de desvendar a natureza última da realidade.

Em sua reflexão, Nietzsche (1873, p. 531) descreve o intelecto como um recurso para os “seres mais desditosos, delicados e efêmeros, para conservá-los por um minuto na existência”. Aqui, o autor enfatiza o caráter instrumental e pragmático da razão humana, destacando que seu propósito não é descobrir verdades objetivas, mas permitir ao homem manter-se vivo e seguro em um ambiente hostil.

Essa concepção implica que as funções principais do intelecto não estão orientadas para a busca da verdade, mas para a dissimulação e o engano. O ser humano utiliza o intelecto não para conhecer a realidade, mas para criar ilusões metafóricas que lhe permitam evitar conflitos e sofrimentos. Assim, o filósofo afirma que “o intelecto, como meio para a conservação do indivíduo, manifesta suas principais forças na dissimulação” (Nietzsche, 1873, p. 531). Ou seja, o intelecto favorece a criação de ficções e representações benéficas ao indivíduo, ainda que não correspondam à natureza objetiva do mundo. A capacidade humana de enganar e dissimular anda de mãos dadas com a construção de convenções sociais que tornam possível a vida em sociedade. Nietzsche (1873, p. 531) sustenta que “quase nada há de

mais inconcebível entre os homens do que o surgimento de um instinto puro e sincero de verdade”.

Essa afirmação sugere que o ser humano, em sua vida cotidiana, opera constantemente em um âmbito de ilusão, no qual as verdades absolutas carecem de importância prática. Mentiras, enganos e adulações se apresentam como comportamentos essenciais para a vida social, pois reforçam os vínculos entre os indivíduos ao permitir-lhes agir segundo expectativas compartilhadas, ainda que sejam ficções coletivas.

Ao interpretar o intelecto como um mecanismo de adaptação, Nietzsche desafia a ideia tradicional de que o conhecimento e a busca da verdade constituem os propósitos mais elevados do ser humano. Em vez disso, propõe uma visão mais pragmática e desencantada, em que o intelecto é uma função subordinada aos imperativos da sobrevivência e do bem-estar. Essa postura revela uma tensão entre a aspiração humana ao conhecimento e a realidade de suas limitações, expondo como nossas concepções de verdade são, em última instância, construções destinadas a facilitar a vida, não a explicá-la objetivamente.

2 A ILUSÃO DA VERDADE E A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM

Nietzsche aprofunda sua análise ao mostrar que a verdade, tal como a concebemos, é uma ilusão criada e sustentada pela linguagem. O autor nos diz que o idioma não capta a essência das coisas em si, mas constrói representações úteis para a convivência social.

Essa construção da verdade por meio da linguagem significa que as palavras e os conceitos não passam de metáforas que, com o tempo, foram esquecidas como tais e passaram a ser vistas como realidades. Monteiro (2012, p. 42) explica que, para Nietzsche, “a palavra é um estímulo nervoso transposto em uma imagem [...] remodelada num som” o filósofo afirma que “as verdades são ilusões das quais se esqueceu que o são, metáforas desgastadas pelo uso e que perderam sua força sensível” (Nietzsche, 1873, p. 535).

Desse modo, a verdade torna-se um acordo coletivo, uma série de convenções aceitas para facilitar a comunicação e a vida em sociedade. A linguagem, nesse sentido, apresenta-se como um sistema de metáforas que substitui a experiência direta por representações simbólicas. Nietzsche (1873, p. 539) sustenta que “a palavra não foi feita para elas; o homem emudece ao vê-las, ou fala em cópias de metáforas proibidas e associações inauditas de conceitos”.

Sem vínculo direto com a realidade, o idioma nos fornece apenas uma visão parcial e fragmentada do mundo, formada por abstrações elaboradas a partir de experiências individuais. Cada palavra transforma-se em um conceito generalizado que, em vez de capturar a singularidade de cada experiência, a reduz a uma categoria ampla e abstrata.

Para Nietzsche (1873, p. 534), o ato de nomear algo implica uma simplificação que apaga as particularidades do nomeado, e isso se converte em uma forma de distorção da realidade. Ele observa que “cada conceito surge da igualação do desigual”; isto é, ao criar o conceito de “árvore”, eliminamos as diferenças entre cada árvore concreta e as reunimos em uma categoria comum.

Essa simplificação é útil para o intelecto humano e para a comunicação social, mas não reflete fielmente a multiplicidade e diversidade do mundo. Por meio da linguagem, o homem impõe uma ordem artificial à realidade, gerando uma estrutura conceitual que substitui a percepção direta, uma construção mental.

Nietzsche propõe que a linguagem não é uma ferramenta de conhecimento objetivo, mas um sistema de símbolos que nos permite viver em um mundo de aparências e convenções. O que é uma palavra? A cópia em sons de uma excitação nervosa. Isso indica que o processo de comunicação baseia-se em traduções subjetivas de experiências sensoriais em signos verbais, sem garantia de correspondência precisa entre signo e realidade.

Em última instância, o idioma não reflete a verdade, mas constitui uma construção humana destinada a simplificar a realidade e torná-la manejável. Assim, Nietzsche expõe como o idioma se torna uma barreira à compreensão direta da realidade, transformando a verdade em um sistema de metáforas que, embora útil à vida social, carece de fundamento objetivo.

3 O HOMEM RACIONAL *VERSUS* O HOMEM INTUITIVO

O autor estabelece uma distinção interessante entre dois tipos de ser humano: o homem racional e o homem intuitivo. Cada um representa uma forma particular de ver a vida e a realidade, refletindo diferentes modos de se relacionar com o conhecimento e a experiência.

O homem racional é aquele que prioriza a lógica, o cálculo e a previsão; busca compreender o mundo por meio de conceitos e categorias que lhe permitem estruturar e organizar a realidade de maneira previsível. Nietzsche o descreve como alguém que enfrenta

as necessidades mais imperiosas mediante a previsão, a prudência e o cálculo. Para ele, essa racionalidade proporciona segurança e estabilidade, mas também limita a percepção do mundo, já que depende de estruturas conceituais que não captam a complexidade total da vida. Por outro lado, Nietzsche apresenta o homem intuitivo como um indivíduo que vive o momento presente e não teme a incerteza nem o caos. Ele o caracteriza como um herói transbordante de alegria, uma figura que não se deixa limitar por normas ou conceitos e que encontra satisfação na beleza e no caráter efêmero da vida.

Para o homem intuitivo, a existência é um fluxo constante de experiências e sensações que não precisam ser encaixadas em estruturas rígidas de conhecimento, mas apreciadas em sua singularidade e irrepetibilidade. Essa dualidade entre o racional e o intuitivo expressa, nas palavras de Nietzsche (1873, p. 537), uma “luta pela compreensão do mundo como coisa ou modo do homem”. O racional tenta domesticar a realidade pela razão, enquanto o intuitivo prefere uma relação mais livre e estética com o mundo, apreciando as experiências em si mesmas.

O autor observa que essa tensão revela uma dinâmica constante da existência humana, em que ambos os modos coexistem e competem por moldar nossa percepção da realidade. A arte e o mito, segundo Nietzsche, são os campos do homem intuitivo, em contraste com a ciência e a lógica, domínios do racional.

A arte permite escapar das restrições do intelecto, acessando um tipo de conhecimento não baseado em conceitos, mas em intuições e metáforas. Para Nietzsche (1873, p. 540), o homem intuitivo como os gregos antigos é capaz de criar “uma cultura em que a arte domina a vida”.

Essa visão permite compreender a existência como uma obra de arte, na qual o valor reside não na verdade, mas na beleza e na criatividade. Em síntese, o autor apresenta os dois tipos como modos de existência opostos: enquanto o racional busca segurança e controle, o intuitivo entrega-se à experiência imediata e ao prazer estético.

Essa contraposição evidencia o conflito entre o desejo humano de ordem e a exuberância de uma vida plena em aparência e criatividade, sugerindo que o verdadeiro valor da existência talvez resida nesta última.

4 O PAPEL DA SOCIEDADE E DAS CONVENÇÕES NA CRIAÇÃO DA VERDADE

Nietzsche sugere que o que chamamos de verdade é, em grande parte, uma construção social gerada por necessidades coletivas, mais do que por uma busca genuína da realidade objetiva. O filósofo sublinha que a sociedade estabelece convenções que regulam o que é

considerado verdadeiro ou falso e que essas normas não derivam de descobertas da realidade, mas de acordos úteis à coesão social.

Em suas palavras, a verdade torna-se “a obrigação de mentir de acordo com uma firme convenção, de mentir gregariamente num estilo obrigatório para todos” (Nietzsche, 1873, p. 532). Assim, a verdade é uma imposição social: exige que os indivíduos se conformem às mesmas ficções coletivas para garantir harmonia e paz.

Essas convenções são motivadas pela necessidade de evitar conflitos e facilitar a cooperação. Nietzsche (1873, p. 532) diz que, ao viver em sociedade, o homem estabelece um “tratado de paz” que define o que será considerado verdade e falsidade, e que “o código da linguagem fornece também as primeiras leis da verdade”. Monteiro (2012, p. 41) explica que, para Nietzsche, “os homens necessitam de um acordo mútuo de paz [...] e deste acordo resultam as primeiras leis da verdade”. Sousa (2022, p. 29) complementa que “a verdade é sempre um tratado social, um pacto de confiança sustentado por signos”.

O idioma, ao fixar designações e significados, permite comunicação coerente e evita mal-entendidos. Contudo, essas designações são arbitrárias e não refletem a verdadeira essência das coisas, são acordos pragmáticos que facilitam a convivência, sem necessariamente aproximar-nos da realidade.

Nietzsche (1873, p. 532) observa que, nesse contexto, o mentiroso é aquele que quebra o pacto social ao usar as palavras para enganar deliberadamente: “O mentiroso usa as designações válidas, as palavras, para fazer o irreal parecer real; diz, por exemplo, ‘sou rico’, quando, em sua condição, ‘pobre’ seria a designação correta”. O que a sociedade realmente rejeita não é o engano em si, mas o dano que ele pode causar: ao fazer isso em proveito próprio e em prejuízo dos demais, a sociedade já não confiará nele e o excluirá de si.

Nietzsche (1873, p. 533) acrescenta: “Os homens não evitam tanto ser enganados quanto ser prejudicados pela mentira”. Assim, a verdade socialmente estabelecida é, na realidade, pragmática, seu valor é medido por sua utilidade e capacidade de evitar danos. Dessa forma, a sociedade aceita certas mentiras que contribuem para o bem comum e rejeita aquelas que ameaçam a estabilidade e a confiança mútua.

Essa concepção da verdade como fenômeno social nos leva a questionar a relação entre poder e realidade. Se a verdade é uma convenção social, aqueles que detêm o poder podem influenciar o que é aceito como verdadeiro. Isso gera um sistema de controle em que ideias e valores dominantes refletem interesses específicos, e não uma compreensão objetiva do mundo. Assim, Nietzsche mostra que não buscamos a verdade por compromisso com a

realidade, mas pela conveniência de estabelecer ordem e segurança. A verdade, portanto, é uma construção flexível e negociável, moldada pelas necessidades e pelo poder social.

CONCLUSÃO

Nietzsche nos oferece uma perspectiva provocadora sobre o que entendemos por verdade e conhecimento, convidando-nos a vê-los como construções que mantêm a coesão social e simplificam a vida. A verdade, nesse sentido, não é o reflexo da realidade, mas um conjunto de ficções e metáforas esquecidas como tais.

A linguagem, os conceitos e as convenções sociais ajudam a estruturar o mundo, mas ao mesmo tempo nos afastam de uma compreensão direta e autêntica da realidade. Essa visão questiona a busca tradicional de uma verdade universal, sugerindo que o conhecimento e a verdade são construções adaptativas, e não fins em si mesmos.

Num mundo marcado pela pós-verdade e pelas narrativas políticas, as ideias de Nietzsche continuam profundamente relevantes, lembrando-nos de que nossas verdades podem ser moldadas pelo poder e pelas necessidades sociais, mais do que por um compromisso real com a objetividade. Refletir sobre isso nos convida a viver de modo mais consciente e crítico, reconhecendo que a verdade é apenas uma das ferramentas que criamos para navegar no complexo mundo em que vivemos.

REFERÊNCIAS

MONTEIRO, Átila Brandão. A verdade como dissimulação em Nietzsche: elementos para uma crítica da concepção essencialista de linguagem. **Existência e Arte – Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João Del-Rei**, São João Del-Rei, ano VIII, n. VII, p. 37-44, jan./dez. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. In: **Antologia de textos filosóficos**. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 530-542. (Coleção Os Pensadores).

SOUSA, Diego Carmo de. Verdade em Nietzsche. **Revista Filogênese**, Marília, SP, v. 17, n. 1, p. 63-100, 2022.